



A FENOMENOLOGIA GENÉTICA DE HUSSERL NOS SEUS CONTEXTOS HISTÓRICO E SISTEMÁTICO *

Husserl's Genetic Phenomenology in its Historical and Systematic Contexts

PEDRO M. S. ALVES**

La Fenomenología Genética de Husserl en sus Contextos Histórico y Sistemático

Resumo: Neste ensaio, analiso a relação entre as versões estática e genética da Fenomenologia. Ao arripio de certas importantes interpretações, que discuto, defendo a tese de que a fenomenologia genética não é uma simples extensão e aprofundamento do sua "estática" formulação inicial. Assim, defendo que se trata de uma absorção por auto-transformação de áreas que tinham sido expressamente excluídas para a que a Fenomenologia inicial, "estática", se pudesse delimitar. Em particular, destaco dois temas. O primeiro é o da dimensão psicológica génético-causal, que, na esteira de Brentano, havia sido excluída. A versão genética da Fenomenologia assimila esta dimensão, não já como génese causal mas como génese transcendental ao abrir as portas para as análises da passividade e da génese activa. Quanto ao segundo, trata-se da vida concreta da subjectividade e da sua inserção comunitária e histórica, que havia sido metodicamente posta de lado para delimitar o campo da Fenomenologia transcendental nascente. Agora, indo mais além de Brentano em direcção ao projecto de Dilthey de uma fundamentação "psicológica" das Ciências do espírito, Husserl incorpora o tema da vida subjectiva concreta e da sua interna historicidade num projecto, apenas esboçado, de uma fenomenologia genética e explicativa da singularidade e interna historicidade da vida subjectiva.

Palavras-chave: Husserl, Fenomenologia estática, Fenomenologia genética, Subjectividade, Historicidade.

Abstract: In this essay, I analyze the relationship between the static and genetic versions of Phenomenology. Contrary to certain important interpretations, which I discuss, I defend the thesis that genetic phenomenology is not a simple extension and deepening of its initial "static" formulation. Thus, I argue that it is an absorption by self-transformation of areas that had been expressly excluded so that the initial, "static" Phenomenology could be delimited. In particular, I highlight two themes. The first is that of the genetic-causal psychological dimension, which, in the wake of Brentano, had been excluded. The genetic version of Phenomenology assimilates this dimension, no longer as causal genesis but as transcendental genesis, opening the door to analyses of passivity and active genesis. The second theme concerns the concrete life of subjectivity and its community and historical insertion, which had been methodically set aside in order to delimit the field of nascent transcendental Phenomenology. Now, going beyond Brentano towards Dilthey's project of a "psychological" foundation of the sciences of the spirit, Husserl incorporates the theme of concrete subjective experience and its internal historicity into a project, only sketched out, of a genetic and explanatory phenomenology of the singularity and internal historicity of subjective life.

Keywords: Husserl, Static Phenomenology, Genetic Phenomenology, Subjectivity, Historicity.

Resumen: En este ensayo, analizo la relación entre las versiones estática y genética de la fenomenología. Contrariamente a ciertas interpretaciones importantes, que discuto, defiendo la tesis de que la fenomenología genética no es una simple extensión y profundización de su formulación «estática» inicial. Por lo tanto, sostengo que se trata de una absorción por autotransformación de áreas que habían sido expresamente excluidas para que la fenomenología «estática» inicial pudiera delimitarse. En particular, destaco dos temas. El primero es el de la dimensión psicológica genético-causal, que, siguiendo a Brentano, había sido excluida. La versión genética de la fenomenología asimila esta dimensión, ya no como génesis causal, sino como génesis transcendental, abriendo la puerta a análisis de la pasividad y la génesis activa. El segundo tema se refiere a la vida concreta de la subjetividad y su inserción comunitaria e histórica, que había sido metódicamente dejada de lado para delimitar el campo de la fenomenología transcendental nascente. Ahora, yendo más allá de Brentano hacia el proyecto de Dilthey de una base «psicológica» de las ciencias del espíritu, Husserl incorpora el tema de la experiencia subjetiva concreta y su historicidad interna en un proyecto, solo esbozado, de una fenomenología genética y explicativa de la singularidad y la historicidad interna de la vida subjetiva.

Palabras clave: Husserl, fenomenología estática, fenomenología genética, subjetividad, historicidad.

* Versão traduzida para o Português de um artigo originalmente escrito em Inglês para o *Handbook of Phenomenology*, Routledge.

** Universidade de Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Email: psalves2@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5259-9367>



1. A Primeira Caracterização da Fenomenologia: Psicologia Descritiva e Filosofia Transcendental

Como é consabido, no seu desenvolvimento, a fenomenologia sofreu várias metamorfoses. Começou como uma “psicologia (eidética) descritiva”, para se tornar mais tarde uma “fenomenologia transcendental”.¹ O termo “descritivo”, usado por Husserl em 1901 para caracterizar o tipo de psicologia que estava em questão, tinha uma clara ressonância brentaniana. Para Brentano, a psicologia descritiva, ou psicognosia, opunha-se à psicologia “genética”, a qual teria uma base fisiológica e intentaria explicar as leis de geração, “coexistência e sucessão” dos fenómenos psíquicos (Brentano 1995, 9). Em contraposição ao carácter hipotético da psicologia genética e à sua dependência de uma fisiologia ainda embrionária, a primeira parte de um sistema completo de psicologia seria uma descrição, baseada na percepção interna, dos fenómenos psíquicos tal como se apresentam ao próprio sujeito que os vive. A psicologia descritiva “faz isto por meio de um rol completo dos elementos básicos a partir dos quais se compõe tudo o que é internamente percebido pelos humanos, e por meio de uma enumeração dos modos pelos quais esses elementos podem ser conectados” (Brentano 2002, 4). Para Brentano, este procedimento puramente descritivo não está dependente da pesquisa genética; haverá apenas uma relação de ajuda mútua, embora esteja convencido que, nessa entrelaçada entre psicologia genética e descritiva, “os serviços que a psicognosia presta à psicologia genética são incomparavelmente mais valiosos” (Brentano 2002, 10). De facto, para Brentano, “a psicognosia é primeira segundo a ordem natural” (Brentano 2002, 8), de modo que a explicação da ocorrência, coexistência e sucessão dos fenómenos psíquicos na corrente da vida de consciência não entra nem na pura classificação desses fenómenos psíquicos, nem também na determinação das leis internas da sua conexão (por exemplo, como uma representação motiva um juízo, etc.). Na verdade, enquanto *descritiva*, a psicologia deveria preparar o terreno para uma teoria explicativa futura do domínio psíquico. Enquanto, porém, os resultados da psicologia descritiva são exactos, porque baseados na evidência da percepção interna, os resultados da psicologia genética serão, para sempre, de carácter hipotético e provisório.

Agora, do lado de Husserl, esta independência brentaniana da descrição relativamente à explicação causal terá uma consequência ainda mais radical. De facto, para ele, esta independência irá permitir a emergência de uma teoria descritiva pura que estará livre de qualquer conexão com uma investigação naturalística a respeito das origens genética, física e fisiológica dos fenómenos psíquicos.² Num certo sentido, do título brentaniano “psicologia descritiva”, Husserl reteve a ideia de descrição, desembaraçando-a do contexto de uma plena psicologia científica, na qual a descrição precede, prepara e, de seguida, dá o seu lugar à explicação.³ A primeira dívida brentaniana de Husserl seria, pois, a recusa da “gênese” e da “explicação”, a favor de uma abordagem descritiva, independente e pura, fosse ela ou não compreendida como uma variedade de psicologia.

O ponto de viragem nesta algo instável caracterização da fenomenologia foi a grande descoberta de que a ciência radical da consciência não era uma espécie de ou uma modificação da psicologia, mas antes uma

¹ O contraste entre as notas na secção 6 de *Investigações Lógicas* é uma expressão clara das mudanças de Husserl na caracterização da fenomenologia. Em 1901, Husserl escreveu: «A fenomenologia é psicologia descritiva. A crítica epistemológica é, portanto, em essência, psicologia, ou, pelo menos, só pode ser construída sobre uma base psicológica.» No entanto, em 1913, o texto foi substituído pelo seguinte: “Se o nosso sentido de fenomenologia foi compreendido, e se não lhe foi dada a interpretação actual de uma ‘psicologia descritiva’ comum, uma parte da ciência natural, então uma objecção, de outra forma justificável, cairá por terra, uma objecção no sentido de que toda a teoria do conhecimento concebida como um esclarecimento fenomenológico sistemático do conhecimento é construída sobre a psicologia. Respondemos naturalmente que [...] a fenomenologia [...] não é descrição empírica, científica.” (Hua XIX/1, 23)

² Na mesma nota da secção 6 citada acima, Husserl chega ao ponto de recusar o título de ‘psicologia’ para a sua abordagem descritiva. O texto diz o seguinte: “Não é a ciência completa da psicologia que serve de base para a lógica pura, mas certas classes de descrições, que são o passo preparatório para a investigação teórica da psicologia. Estas, na medida em que descrevem os objetos empíricos cujas conexões genéticas a ciência deseja perseguir, também formam o substrato para aquelas abstrações fundamentais nas quais a lógica apreende a essência dos objetos ideais [...] Uma vez que é epistemologicamente de importância única que separemos o exame puramente descritivo da experiência do conhecimento, desprovido de todos os interesses psicológicos teóricos, das pesquisas verdadeiramente psicológicas dirigidas à explicação empírica e às origens, será bom que falemos de ‘fenomenologia’ em vez de psicologia descritiva.” (Hua XIX/1, 24, sublinhados meus).

³ Essa diferença, tanto em relação ao papel da descrição como etapa preparatória de Brentano, quanto em relação à descrição *qua* psicológica e *qua* fenomenológica (eidética), é claramente afirmada por Husserl na sua *Urteilstheorie*, de 1905. (Hua Mat V, 43-46).



filosofia *transcendental*. Em 1906, Husserl esboçou uma carta a Cornelius, onde declara que “eu interpretei-me grosseiramente mal quando identifiquei fenomenologia e psicologia descritiva (imane)”. E continua, então: “Desde há cinco ou seis anos, tenho constantemente advertido os meus alunos para este erro” (Hua XXIV, 441). A introdução da redução transcendental nas *Cinco Lições*, de 1907, e depois nas *Ideias-I*, de 1913, iriam clarificar o assunto no seu todo. Por meio do método redutivo, a fenomenologia irá considerar os “fenómenos purificados”, agora liberados de qualquer apercepção mundana, e irá desenvolver uma teoria eidética da região não-natural “consciência pura e suas vivências”, em conexão com os seus correlatos noemáticos. A correlação noético-noemática será, a partir de agora, o campo da fenomenologia. Relações de fundação entre os actos intencionais e seus objectos correlativos serão exibidas. Conceitos descritivos chave, como “horizonte”, “actualidade” e “potencialidade”, “polarização egológica”, “modo de doação”, “caracteres dóxicos” e suas modificações, serão introduzidos. Por fim, o inteiro empreendimento irá assumir a forma de uma doutrina da constituição objectual, embora a autoconstituição da consciência como um fluxo temporal seja anunciada, não directamente tratada. Como Husserl escreve em *Ideias-I*, “Felizmente, nas nossas análises preparatórias, podemos dispensar o enigma da consciência do tempo sem pôr em risco a sua adequação” (Hua III-1, 182).

Olhando retrospectivamente para os começos brentanianos, a fenomenologia não é nem uma psicologia, mas antes uma filosofia transcendental, nem uma pesquisa empírica imane, mas antes uma ciência eidética. Por grosso, escolhendo o lado de uma psicologia *descritiva*, Husserl rejeitou desde o início qualquer abordagem genética e explicativa; recusando mais tarde o título de *psicologia*, Husserl pôs o seu programa descritivo num plano inteiramente novo: a região não-natural da consciência pura e seus correlatos intencionais.

2. O Movimento em Direcção a uma Fenomenologia Genética: O Conceito e o Programa

Uma fenomenologia *genética* (*genetische*), *dinâmica* (*dynamische*) e *explicativa* (*erklärende*) é a última versão do projecto teórico de Husserl. *Grosso modo*, ele foi empreendido nos anos de Friburgo, especialmente a partir dos anos vinte.

Como poderemos compreender este súbito retorno de conceitos como “explicação” e “gênese”, conceitos contra os quais a fenomenologia se definira a si própria? Na verdade, o que uma fenomenologia *genética* (ou talvez a descrição de uma gênese, assumida como tendo um impacto explicativo) irá acrescentar ao domínio, aparentemente fechado e auto-suficiente, que emerge de *Ideias-I*, enquanto domínio de “ser absoluto”? Onde localizar a gênese no domínio da consciência pura? Como pode ser ela rastreada e trazida à evidência? Não estará o sistema fenomenológico completo já com uma taxonomia dos actos intencionais e das várias regiões ontológicas, com as suas relações de fundação, e uma doutrina da constituição objectual? Que faltará ainda? Numa palavra, surgem dúvidas sobre se a fenomenologia genética é um complemento necessário do sistema ou a expressão de um novo ponto de vista e de uma nova abordagem do domínio da consciência pura.

Algumas das asserções mais gerais de Husserl dão algumas guias acerca da natureza e do âmbito da fenomenologia genética. Nomeadamente,

1. Que a primeira versão da fenomenologia transcendental era meramente “estática”;⁴
2. Que a forma mais universal da fenomenologia estática é o tipo *ego-cogito-cogitatum*, onde a unidade do objecto visado funcionava como um “fio-condutor” ontológico;⁵
3. Que, pelo contrário, a forma mais universal de uma gênese fenomenológica é a autoconstituição da temporalidade imane;⁶
4. Que a gênese intencional diz respeito à autoconstituição do ego concreto como “mónada” na “unidade de uma história”;⁷
5. Que os conceitos-chave para a autoconstituição da mónada são os de motivação, instituição original de sentido e sedimentação (habitualidade);⁸
6. Que a fenomenologia genética é uma fenomenologia das várias formas de “apercepções”, ou dos vários processos de acordo com os quais “a consciência surge a partir da consciência”;⁹

⁴ “A fenomenologia desenvolvida inicialmente é meramente ‘estática’; as suas descrições são análogas às da história natural, que se referem a tipos específicos e, na melhor das hipóteses, os organizam numa ordem sistemática.” (Hua I, 110)

⁵ “O tipo mais universal, no qual, como forma, tudo o que é particular está incluído, é indicado pelo nosso primeiro esquema universal: *ego-cogito-cogitatum*. As descrições mais universais [...], que tentámos de forma aproximada em relação à intencionalidade, à sua síntese peculiar, etc., referem-se a esse tipo. Na particularização desse tipo e da sua descrição, o objecto intencional (do lado pertencente ao *cogitatum*) desempenha, por razões facilmente compreensíveis, o papel de ‘guia transcendental’ para as multiplicidades infinitas típicas de possíveis *cogitationes* que, numa síntese possível, contêm o objecto intencional dentro de si (da maneira peculiar à consciência) como o mesmo objecto significado.” (Hua I, 87)

⁶ “A forma essencial universal da gênese intencional, à qual todas as outras se referem, é a constituição da temporalidade imane.” (Hua XVII, 318)

⁷ “O *ego* constitui a si mesmo, por assim dizer, na unidade de uma ‘história.’” (Hua I, 109)

⁸ “As leis eidéticas da compossibilidade (regras que regem a existência simultânea ou sucessiva e a existência possível em conjunto, na facticidade) são leis [...] de motivação na esfera transcendental. (Hua I, 109). “Em todas as fases, temos também a história sedimentada dessas respectivas fases, em cada uma delas, a mónada tinha o seu ‘conhecimento’ oculto, a sua estrutura habitual.” (Hua XIV, 36). “A *experiência* é a instituição primordial do ser-para-nós dos objectos como tendo o seu sentido objectivo.” (Hua XVII, 173)

⁹ “Assim, é necessário estabelecer as leis universais e primitivas sob as quais se baseia a formação de uma apercepção decorrente de uma apercepção primordial e derivar sistematicamente as formações possíveis, ou seja, esclarecer cada estrutura dada de acordo com a sua origem. Essa “história” da consciência (a história de todas as apercepções possíveis) não se refere a trazer à luz uma gênese factual para apercepções factuais ou tipos factuais em um fluxo factual de consciência [...]. Em vez disso, cada forma de apercepção é uma forma essencial e tem a sua gênese de acordo com leis essenciais; consequentemente, incluída nessa ideia de apercepção está a necessidade de ela ser submetida a uma



7. Que, para a forma mais elevada de uma fenomenologia genética, não há objectualidades de qualquer tipo (natural, intersubjectivo, social, cultural, em resumo: um mundo) dado de antemão (portanto, não há “fios-condutores” transcendentais): a autoconstituição de *uma* mónada num espaço de possibilidades variantes do *ego* é ao mesmo tempo a constituição do mundo correspondente com os seus vários tipos de objectualidades;¹⁰
8. Que, aqui, há apenas sistemas de tipos possíveis ou impossíveis de formações conscientes, os quais são eideticamente ordenados enquanto conjuntos de puras possibilidades conectadas por relações de motivação, na sua ordem de “coexistência e sucessão”; sendo, no entanto, o problema *transcendental* capital no quadro genético o problema da constituição da *individualidade* da própria mónada (ou daquilo que Husserl também designa como a sua “facticidade”);¹¹
9. Que, por fim, uma génese fenomenológica, assim entendida, é uma fenomenologia *explicativa*, em contraposição a uma mera fenomenologia *estática* e *descritiva*, de tal modo que, doravante, haverá três níveis numa teoria universal da consciência: 1. A teoria geral das estruturas da consciência; 2. A fenomenologia constitutiva; 3. A fenomenologia da génese.¹²

Que há de verdadeiramente novo neste projecto? Há simultaneamente linhas de continuidade e linhas de clivagem, de tal maneira que as dúvidas sobre a relação entre as duas versões da fenomenologia transcendental não são imediatamente decidíveis. Nomeadamente, se a última simplesmente dá continuidade ao projecto inicial, ou se ela deve ser entendida como uma espécie de retomada transcendental e reformulação da abordagem que a fenomenologia incipiente deixou de lado no processo da sua própria formação. Numa palavra: uma teoria *explicativa* transcendental da própria *génese* da consciência na sua corrente fáctica de vivências, reapresentada, agora, como uma doutrina fenomenológica da autoconstituição.

De facto, o tema central será, a partir de agora, a subjectividade transcendental que constituiu a si própria, por um processo de instituições originárias de sentido e sedimentações, como uma mónada concreta “na unidade de uma história”. A génese é, doravante, um conceito *transcendental*, que aponta para a parte mais fundamental (ou “concreta”) da própria fenomenologia. Como surpreendentemente Husserl declara a Paul Natorp em 1918 (*surpreendentemente*, de facto, se tomarmos em consideração a longa recusa de Husserl da própria ideia de génese, desde as *Investigações* até *Ideias*¹³), “Há mais de uma década [*sic*] que já ultrapassei o estádio do platonismo estático e formulei a ideia de génese transcendental como tema central da própria fenomenologia” (*Briefwechsel* 5, 137).¹⁴ Para Husserl, e contrariamente ao conceito de Natorp de uma “teoria genética” tal como fora exposta no seu livro *Allgemeine Psychologie*, a autoconstituição genética da subjectividade transcendental é compreensível apenas como tendo a sua base numa autotemporalização última, de tal modo que a mónada é entendida como uma “unidade de um devir”. Num sentido forte, a descrição anterior das estruturas noético-noemáticas cede o seu lugar a um dismantelamento (*abbauen*) da experiência nos seus elementos formadores de sentido, e, de seguida, a uma sua reconstrução *post hoc*. Em vez de relações de *fundação* entre estratos de sentido de um modo “estático”, a nova questão consiste em trazer à luz relações de *derivação* ligadas por uma conexão de motivação. Agora, os estratos mais básicos não são apenas uma fundação última de validade (*Geltung*), mas antes uma efectiva origem, de acordo com leis essenciais genéticas que devem ser aclaradas. De certo modo, como Steinbock sublinhou (Steinbock 1998, 133), com suas descrições de

‘análise genética’. [...] Assim, a teoria da consciência é directamente a teoria das apercepções.” (Hua XI, 339)

¹⁰ “Transcendentalmente, ele encontra-se como o *ego*, depois como um *ego* genérico, que já possui (de forma consciente) um mundo do nosso tipo ontológico universalmente familiar, com a Natureza, com a cultura (ciências, artes plásticas, artes mecânicas, etc.), com personalidades de ordem superior (Estado, Igreja) e o restante. [...] Além disso, este é um nível necessário; somente ao revelar as formas legais da génese pertencentes a este nível se podem ver as possibilidades de uma fenomenologia eidética maximamente universal. Nesta última, o *ego* varia-se tão livremente que não mantém nem mesmo a pressuposição restritiva ideal de que um mundo com a estrutura ontológica que aceitamos como óbvia seja essencialmente constituído para ele.” (Hua I, 110-111)

¹¹ “A redução eidética fenomenológica coloca-me na posição de uma possível mónada em geral - mas precisamente não de uma mónada pensada individual e identicamente - e sob a responsabilidade de circunscrever a identidade individual de acordo com as suas possibilidades e necessidades. Mas também posso definir esta nova tarefa e, naturalmente, fazê-lo utilizando a doutrina da essência dos actos, das estruturas em constituição, etc. Pode-se até dizer que também posso descrever géneses individualizadas e as leis da génese sem abordar sistematicamente o problema da génese universal de uma mónada e a natureza da sua individualidade. [...] Finalmente, temos a fenomenologia da individualidade monádica e, incluída nela, a fenomenologia de uma sua génese integral, uma génese na qual surge a unidade da mónada, na qual a mónada é pelo devir.” (Hua XIV, 37-38)

¹² “Fenomenologia: a) Fenomenologia universal das estruturas gerais da consciência, b) Fenomenologia constitutiva, c) Fenomenologia da génese. [...] De certa forma, podemos distinguir a fenomenologia “explicativa”, como uma fenomenologia da génese regulada, e a fenomenologia “descritiva”, como uma fenomenologia das formas possíveis e essenciais [...] na consciência pura e na sua ordenação teleológica, no domínio da razão possível, sob os títulos “objeto” e “sentido”. Nas minhas palestras, não utilizei o termo ‘fenomenologia descritiva’, mas sim ‘estática.’” (Hua XI, 340)

¹³ Para uma visão geral dos sentidos inadequados de *génese* utilizados por Husserl na época de *Ideias-I*, consulte-se Bernet, Kern, Marbach, 1996, 182-184.

¹⁴ Na sua resposta à carta de Husserl, Natorp comenta, talvez ironicamente, que está satisfeito com o cumprimento da sua “previsão” (*Briefwechsel* V, 139). Natorp refere-se à sua declaração anterior (na sua resenha de *Ideias*, de Husserl, publicada na revista *Logos*, 1917/18) de que a eidética de Husserl em *Ideias* é apenas uma “classificação” estática, em um estilo um tanto aristotélico, das ciências de acordo com “ontologias regionais” separadas. Em vez disso, afirma que o que deve ser promovido são as suas “genealogias lógicas” (Natorp 1973, 45). Em seguida, Natorp expressa o desejo de que “os defeitos de Husserl sejam corrigidos, no todo ou em parte, numa posterior implementação” (*Briefwechsel* V, 139). A declaração que citei na carta de Husserl é uma resposta directa à crítica de Natorp sobre uma compreensão estática da “doutrina das ideias” platónica em *Ideias-I*. Não posso desenvolver aqui o profundo impacto que Natorp teve no programa de uma teoria genética e reconstrutiva, de Husserl. Esta é uma questão complexa que merece tratamento independente. Ver Kern 1964, 321-374; Welton 2003, 266-270; Staiti 2013, 71-90; Luft 2016, 326-370.



estruturas guiadas por fios-condutores ontológicos, a fenomenologia estática é agora o próprio fio-condutor para a própria fenomenologia genética. Isto é assim porque esta última abre uma questionação regressiva sistemática (*Rückfrage*) sobre a origem (*Ursprung*) das estruturas que a fenomenologia estática encontrava simplesmente como já dadas e acabadas. Como Husserl observa, a tarefa geral da inquirição genética é iluminar (*aufzuklären*) “toda e qualquer formação dada, de acordo com a sua origem” (Hua XI, 339).

A reconstrução de um tal processo genético teria um real significado explicativo, não simplesmente descritivo, do ponto de vista dos processos cognitivos. De facto, essa reconstrução não descreveria simplesmente aquilo que é, mas mostraria *por quê e como* isso é assim. Estando tanto as pesquisas descritivas como genéticas direccionadas para a descoberta de leis eidéticas, segue-se que leis de fundação, relativas à validade e à constituição estática, seriam sobredeterminadas por leis de derivação, relativas à origem e à constituição genética. O próprio conceito de *constituição* seria, então, dividido em dois estratos. A este respeito, a posterior reelaboração do conceito de constituição – uma estática e outra genética, ou melhor, o movimento para uma constituição genética, enquanto “a constituição desta [ou seja, da estática] constituição” (Hua XXXV, 407)¹⁵ – seria o ponto de junção das dimensões estática e genética da fenomenologia transcendental. Na verdade, tão cedo quanto 1916 ou 17, ao determinar os vários sentidos do conceito fenomenológico de *origem* (*Ursprung*), Husserl esboçou esta pesquisa constitutiva duplamente orientada. Escreve:

Sentido das questões acerca da origem: 1. Aquilo que eu, em outros lugares, designei como *fenomenologia estática* (impropriamente): o objecto no modo das suas formas originárias de doação, enquanto unidade noemática de multiplicidades originárias noéticas. O necessário *a priori* do sistema de aparições, no qual consiste a sua percepção desenvolvida. 2. Uma primeira partida para a doutrina da *gênese* de acordo com princípios gerais. *Constituição genética*. (Hua XIV, 346)

4. Ponderando as Novidades: A Referência a Brentano

Está aberto a debate saber se esta transição da fenomenologia estática para a genética é equivalente a uma adição sem rupturas de novos elementos que estariam já pré-contidos (mas que teriam sido provisoriamente deixados à margem) na primeira abordagem transcendental do campo da consciência pura. Mais ainda, cada uma das palavras que caracterizam esta última versão da fenomenologia – explicação *versus* descrição, o ponto de vista da *gênese versus* o ponto de vista do ser, o dinâmico *versus* o estático – invoca autores que pertencem ao meio filosófico de Husserl e os correspondentes debates teóricos que com eles teve. Isto sugere um movimento complexo que combina, em simultâneo, o desenvolvimento interno do primeiro ponto de vista com a inclusão de temas novos, ou melhor, um desenvolvimento por inclusão que não deixa intacto o ponto de partida. De facto, quando colocamos esses conceitos no contexto propriamente husserliano, Natorp e mesmo Dilthey, para não mencionar Brentano mais uma vez, aparecem como referências incontornáveis. Assim, o conceito husserliano de uma fenomenologia genética será mais bem entendido quando é posto neste horizonte de autores e doutrinas. Certamente, a coerência das teses husserliana e o seu interno desenvolvimento podem ser compreendidos por si mesmos. No entanto, é útil prestar atenção às oposições, debates, críticas pelos quais conceitos como *gênese*, *explicação* e *dinamismo* foram trazidos para o primeiro plano no pensamento de Husserl. Este zigzague entre elementos contextuais e sistemáticos é o melhor caminho para lançar luz sobre o projecto husserliano de uma dimensão genética, dinâmica e explicativa da ciência da subjectividade transcendental.

Tomando, por ora, Brentano em consideração, podemos interrogar-nos a respeito das conexões que este novo ponto de vista tem, quer com a versão anterior da fenomenologia, quer com o programa de uma “psicologia explicativa e genética”. Quando vista sob o pano de fundo inicial de Brentano, não será uma *fenomenologia* genética a recuperação, em sede transcendental, de uma *psicologia* genética, ou seja, de uma inquirição sobre as leis que subjazem à “geração, coexistência e sucessão” dos fenómenos psíquicos? Uma recuperação que, ousadamente, institui uma concepção não-naturalista da *gênese* (não-fisiológica, mas antes transcendentalmente constitutiva do próprio domínio de uma fisiologia), depois de ter já instituído uma concepção não-naturalista de descrição.

O primeiríssimo sintoma de que este último movimento de Husserl era mais do que uma simples continuação do programa das *Ideias-I*, mas antes a adição de algo novo e uma assimilação autotransformadora da própria fenomenologia está no facto de que é difícil ver uma estrita continuidade no tema central da fenomenologia. Primeiramente, as estruturas intencionais eram *abstraidas* da complexidade do fluxo de consciência para serem de seguida descritas enquanto *tipos morfológicos essenciais* (os *eide* “percepção”,

¹⁵ “O estático aqui é que o presente é descrito como aquilo que se tornou um habitual na “história” do *ego*, uma habitualidade firmemente formada e um tipo de percepção associado a ela, um tipo de percepção. A análise genética é a elucidação abrangente da constituição genética, ou seja, a constituição dessa constituição.” (minha tradução). Husserl caracteriza as questões de origem psicológica da seguinte forma: “A questão relativa à origem psicológica refere-se a actos mentais, estados, vivências, capacidades e outras propriedades reais, em suma, a eventos mentais reais de todos os tipos e níveis de complexidade, especialmente, portanto, a “presentações”, vivências conscientes nas quais os “objetos” estão conscientes. É para ela que se levanta a questão de como, na “vida da mente” [*Leben der Seele*], ou seja, no seu devir real, que se integra no devir do mundo, eles surgiram e, especialmente, a questão de a partir de quais factores do devir [...] eles surgiram. [...] A ideia de uma origem psicológica tem o seu sentido determinado: é uma questão causal referida à “realidade” do psíquico” (Hua XIV, 346, tradução minha).



“juízo”, etc.). Agora, é o próprio *Strom*, ou seja, a própria corrente de consciência na sua complexidade e no processo da sua devenida, que é trazido para o primeiro plano. Em conformidade, em vez de *Bewusstsein-von*, consciência-de, Husserl falará crescentemente de *subjektives Leben*, de vida subjectiva.

Pode-se argumentar que esta transição pode ser interpretada como a passagem de uma abordagem abstractiva e isolativa para uma abordagem mais concreta, ou como uma passagem de temas descritivos “mais simples” para temas “mais complexos”. Contudo, o movimento de Husserl envolve uma inversão da relação entre a fenomenologia estática e a genética. Agora, são as análises genéticas que dão um fio-condutor para a formação e, de seguida, a descrição das estruturas da consciência. Esse movimento envolve também uma mutação do centro focal da análise fenomenológica. A “abstracção” em que a fenomenologia permaneceu no início não era provisória. Ela era necessária para a circunscrição do seu próprio tema. Tal como o psicólogo descritivo abstrai da vida concreta, da gênese natural-causal e do devir dos fenómenos psíquicos, o fenomenólogo descritivo põe também entre parênteses a corrente concreta da vida subjectiva na sua inserção causal na natureza, para descrever puramente a estrutura eidética da consciência de objectos e os seus modos respectivos de doação. Adicionalmente, abstrair da complexidade do fluxo concreto na sua facticidade não é incompatível com uma descrição da constituição do tempo imanente. Na verdade, uma coisa é a descrição da consciência do tempo – e ela foi feita por Husserl de um modo “estático” –, outra seria a pesquisa da concreção material do fluxo de consciência, regredindo até os seus elementos supostamente mais elementares, que já não são *dados* por si mesmos, e reconstruir, de seguida, o processo interno de formação e de crescimento da complexidade da vida subjectiva. Ora, este campo de pesquisa sobre fenómenos-limite que não são dados por si mesmos, mas apenas acessíveis por um método de desmantelamento (*Abbau*), um campo que fora deixado de fora, retorna agora, na etapa genética, para assumir a posição de tema director. Certamente, numa posição transcendental, a dependência do fluxo de uma subjectividade concreta das suas bases físicas e fisiológicas é posta entre parênteses, em vez de fornecer uma via de passagem, como na atitude científico-psicológica, da pesquisa descritiva para a pesquisa genético-causal. No entanto, do meu ponto de vista, este movimento não é suspenso. Ele é simplesmente reformulado numa base transcendental. Agora, a recolocação da pesquisa naturalisticamente orientada numa teoria transcendental irá assumir a forma de uma inquirição regressiva apontada à reconstrução dos processos complexos através dos quais a subjectividade “se constitui em e para si própria” enquanto mónada individual a partir das profundidades da sua vida inconsciente e passiva. De facto, se olharmos, por exemplo, para os conceitos fundamentais da constituição genética passiva e receptiva, veremos Husserl ir mais além da oposição estrutural entre *morphe* intencional e *hyle* sensual. Ele fala agora de despertares, proeminências sensíveis, estímulos, afecções, etc. Ele descreve-os *do lado da consciência transcendental*, enquanto processos noéticos pré-objectuais, pondo metodologicamente entre parênteses os mecanismos natural-causais que seriam determinantes para uma abordagem genética fisiológica. O que está em questão de ora em diante será uma descrição fenomenológica do autodespontar e do autodesenvolvimento da consciência de acordo com leis *materiais*, internas, que sustentam a unidade concreta do fluxo e o aumento da sua complexidade, com a correspondente constituição de objectualidades de ordens superiores. A exibição destas leis básicas internas da auto-unidade do fluxo, pelas quais “a consciência brota da consciência” (por exemplo, que uma afecção motiva uma outra afecção, ou recorda associativamente uma anterior, etc.), no lugar mesmo onde a abordagem psicológica só via o ponto de junção entre o psíquico e o fisiológico, será uma das grandes descobertas do ponto de vista genético elaborado por Husserl. Há um “por quê” *interno* (*Weil*) para o ser fáctico do fluxo de consciência, o qual estava ocultado pela pesquisa das suas bases fisiológicas sob o título de uma psicologia genética e causal.

Na verdade, num manuscrito de pesquisa sobre os sentidos do conceito fenomenológico de origem, Husserl distingue entre origem “psicológica” e “fenomenológica”. A origem psicológica é concebida em termos dos antigos problemas da psicologia genética.¹⁶ De seguida, Husserl analisa a conexão entre ambos e, numa versão posterior, sintomaticamente substitui o termo “origem psicológica” pelo termo “origem genética”. Então, a oposição inicial entre os conceitos psicológico e fenomenológico de origem transforma-se na oposição entre “origem genética e origem fenomenológica estática”,¹⁷ uma distinção que é, agora, interna à fenomenologia transcendental na medida em que ela absorve o tema (mas não o método) da pesquisa genético-psicológica: a pesquisa do que Husserl designa como *Werdenfaktoren*, factores do devir, do fluxo da vida subjectiva. O último parágrafo do manuscrito, inicialmente intitulado “Origem psicológica e fenomenológica”, será consequentemente emendado para “Pensamentos para uma Fenomenologia Genética” (Hua XIII, 354).¹⁸ O ponto candente é que Husserl começou aí a entender que “as leis *a priori* da gênese, a retro-referência de cada motivação vivencial presente para uma consciência passada, à qual está referida como a sua origem-de-ser [*Seinsursprung*], estão coligadas com a *razão*”, de tal modo que “a consciência não é um fluxo arbitrário de factos, que poderiam ser arbitrariamente diferentes: a consciência anterior motiva possibilidades para a consciência posterior, *a priori*, de tal modo que a última [...], na sua facticidade, está necessariamente motivada pela anterior

¹⁷ O título „Zusammengang zwischen psychologischem Ursprung und phänomenologischem Ursprung“ foi reescrito da seguinte forma: „Zusammenhang zwischen genetischem Ursprung und phänomenologisch-statischem Ursprung“ (see Hua XIV, 351-352, nota).

¹⁸ „Gedanken zu einer genetischen Phänomenologie“, em vez de „Psychologischer und phänomenologischer Ursprung“.



consciência correspondente” (hua XIII, 357).

Isto tem duas consequências importantes:

1. De um ponto de vista naturalista, o estrato da sensibilidade já não poderá ser interpretado como uma simples interacção causal entre uma realidade física e uma psique. A psique tem as suas leis internas de organização, mesmo no nível passivo, que são quase todas leis associativas e também padrões para a configuração interna dos campos sensíveis (fusão, proeminência e contraste estão no nível mais básico).
2. O princípio de uma conexão forte entre vivências expande-se para todos os estratos da constituição objectiva, quer horizontalmente, ou seja, entre vivências pertencentes ao mesmo estrato, quer verticalmente, ou seja, como motivações que vão dos estratos mais baixos para os superiores (ou vice-versa: por exemplo, um interesse prático ou cognitivo motiva uma selecção das afecções do campo receptivo).

Portanto, ao lado de um processo de desenvolvimento do programa anterior (“o preenchimento de uma grande lacuna”; Hua I, 100), o movimento de Husserl para uma fenomenologia genética centrada na auto-unidade do fluxo pode ser também interpretado como uma *absorção* mais complexa de um conjunto de problemas que a fenomenologia (e também a psicologia descritiva de Brentano) deixou necessariamente de lado para se apresentar como uma teoria *descritiva, eidética*, da região “consciência pura e seus correlatos intencionais”. A absorção implica mais do que uma simples extensão. Ela é equivalente a uma redefinição do tema director da fenomenologia transcendental: a autoconstituição da mónada na sua unidade autárcaica. Como Husserl sublinha:

Também há leis que descrevem positivamente o que pertence necessariamente à estrutura formal da mónada, e que, além disso, prescrevem o que deve surgir quando um certo conteúdo individual está já aí. Assim, as leis primitivas da génese são a lei da constituição original do tempo, as leis da associação e reprodução, as leis através das quais a mónada se constitui em si e para si mesma como uma unidade, etc. (Hua XIV, 39)

5. Continuando a ponderar as novidades: a mónada tem “janelas”

Como outro sintoma da complexidade da transição, deve ser observado que as leis eidéticas de fundação e as leis eidéticas de originação não coincidem necessariamente, formando um sistema coerente de complementação e reforço mútuo.

Como Husserl a apresenta, a fenomenologia constitutiva estática é a procura da validade (*Geltung*) das formações objectuais. Isto implica a procura do seu modo originário de auto-doação como estando aí presentes (*leibhaft da*), a procura das correspondentes modificações e das relações de fundação nos outros estratos de formações objectuais. Os vectores directores são as pesquisas sobre a origem e a fundação: a validade da origem (*Geltungsursprung*) e a validade da fundação (*Geltungsfundierung*). Aqui, o protótipo da auto-doação é a apodicticidade da auto-presença do *ego* no presente vivo. A questão global consiste na clarificação da estrutura de conjunto da experiência de um mundo. Tal como Lee sublinhou, a estrutura de validade é *não-temporal* (Lee 1993, 24).¹⁹ Os estratos fundantes não são anteriores aos estratos fundados. Eles não podem ser distribuídos no tempo como um processo em devir, como se pudessem dar conta da história de uma mónada vivente. Pelo contrário, eles constituem uma arquitectura ideal de estratos de sentido na constituição objectual. Husserl sublinha este mesmo ponto com grande clareza quando escreve que “com a verificação da validade de fundação, não é a génese dos sentidos mais elevados que está em questão, nomeadamente, como se os estratos fundantes na temporalidade subjectiva imanente tivessem despertado os estratos fundados” (Hua XV, 615); “seguir a pista da constituição não é seguir a pista da génese” (Hua XIV, 41).

A procura pela *validade* não é abandonada na constituição genética. Também não o é o princípio director de acordo com o qual a *experiência (Erfahrung)*, no sentido lato de doação original, tem um estatuto privilegiado (Husserl escreve que este princípio abarca tanto a constituição estática como a genética; Hua XVII, 317). No entanto, eles são postos num contexto diferente. Agora, procurar pela origem é equivalente a procurar por um primeiro princípio (*Anfang*). Procurar pela fundação, neste novo âmbito, é equivalente a estabelecer relações de anterioridade e posterioridade, e uma relação de consequência (mais precisamente, de *motivação*, como a causalidade própria da vida consciente) na constituição das formações objectuais. O novo contexto é a vida subjectiva como uma unidade em devir, ou o da autoconstituição temporal da mónada na sua vida concreta. A experiência, como forma directora, é agora rastreável numa *vida subjectiva concreta*, enquanto *instituição original* de sentido (*Urstiftung*). A validade retro-refere-se a *motivações* de acordo com as quais, na *vida subjectiva*, qualquer coisa é posta *porque* qualquer coisa fora posta no presente ou no passado da corrente de consciência. Assim, a fundação genética (*Genesisfundierung*) e a origem genética (*Genesisursprung*) serão diferentes da fundação e da origem na fenomenologia estática. Elas apontam numa outra direcção. A primeira tende a absorver a segunda por via de uma transferência dos problemas de validade e da doação originária para um

¹⁹ Mais fortemente, Lee (1993) fala da “estrutura *supra-temporal* da fundação de validade”.



novo contexto problemático.

Para avaliar a medida em que a abordagem genética é um desenvolvimento interno, ordenado, da abordagem estática ou o estabelecimento de uma nova formulação, uma tese tradicional deve ser brevemente examinada. Nomeadamente, a concepção segundo a qual, para passar da fenomenologia estática para a genética, basta a adição de uma variável temporal.

No seu estudo clássico, Antônio Almeida escreve que “o tema da fenomenologia genética é, *materialiter*, o mesmo que o da fenomenologia estática” (Almeida 1972, 7). De acordo com ele, o tema da fenomenologia, *simpliciter*, seria o fluxo das vivências, e isto forneceria, então, o *objectum materiale*, por assim dizer, tanto da versão estática como da versão genética da fenomenologia. Elas seriam distinguíveis por meio da “formalidade” sob a qual o seu objecto material único seria considerado. Como Almeida refere, a fenomenologia estática seria como que um corte longitudinal (*Querschnitt*) do fluxo, enquanto a fenomenologia genética seria como que um corte longitudinal (*Längsschnitt*) do mesmo fluxo. Todavia, concentrada somente num momento pontual do fluxo, a fenomenologia estática não estaria em condições de dar conta do “carácter processual” da intencionalidade, e seria, por isso, conduzida a uma oposição final entre conteúdo sensual (*Inhalt*) e sentido (*Sinn*). Pelo contrário, a fenomenologia genética consideraria a própria legalidade (*Gesetzmässigkeit*) que subjaz à produção de conteúdo, nomeadamente, as profundidades da constituição temporal e, nessa base, estaria em condições de dar conta da instituição de sentido como um “poder subjectivo” dinâmico de um “sujeito activo e produtivo”. Sokolowski vai mais ou menos na mesma direcção quando diz que “assim que [Husserl] adopta a sua teoria da análise genética, a reconciliação da temporalidade com a constituição objectual torna-se possível” (Sokolowski 1970, 183).

Mais recentemente, Donn Welton usou um modelo explicativo mais ou menos semelhante, se bem que mais complexo, para capturar a diferença entre as análises estática e genética (ver Welton 2005, 263). O seu ponto é que “a diferença entre as análises estática e genética não pode ser interpretada simplesmente como um contraste entre análises sincrónicas e diacrónicas” (Welton 2005, 263-4). No entanto, ele conclui que a transição da abordagem estática para a genética se baseia num aprofundamento da análise do tempo. Essas análises do tempo evoluíram de uma preocupação (estática) com a “forma-temporal” na constituição objectual até uma investigação da *fluência* interna do presente vivo, a qual englobaria a produção de conteúdo.

No entanto, *pace* Almeida, argumentámos anteriormente que a autotemporalização do fluxo, enquanto tema fundamental, é um resultado da fenomenologia genética. A transição não pode ser tratada por meio da diferença demasiado simples entre análises pontuais e processuais. Como Welton observou, a “forma-temporal” e as “sínteses-temporais” também fazem parte das análises estáticas. Em segundo lugar, baseando-nos também nas explicações de Welton, o ponto crucial é que a direcção da pesquisa fenomenológica sofreu uma mudança substantiva. Como ele diz, “a análise genética não lida com o distinto carácter temporal que sofrem as várias modalizações dos diferentes tipos de experiência, pois isso é trabalhado na análise constitutiva, mas antes como o devir do próprio horizonte. Em análise final, ela dá conta da *historicidade* da vida intencional” (Welton 2005, 277, sublinhados meus). Acredito que este é o ponto crucial. Husserl caracteriza com acribia a especificidade da inquirição genética. Vale a pena citá-lo aqui:

A análise intencional genética está dirigida para o inteiro nexu [*Zusammenhang*] no qual está cada consciência particular, juntamente com o seu objecto intencional enquanto intencional. Imediatamente, o problema estende-se para incluir as outras referências intencionais, as que pertencem à *situação* na qual, por exemplo, o sujeito exercendo uma actividade judicativa está, e para incluir também, portanto, a *unidade imanente da temporalidade* da vida que tem a sua “história” por essa via, de um tal modo que cada vivência singular, enquanto temporalmente ocorrente, tem a sua própria “história”, isto é, a sua *gênese temporal*. (Hua XVII, 316)

Mais do que o próprio tempo, o ponto de vista genético envolve:

1. A consideração do *inteiro nexu* em que cada vivência está inserida;
2. A consideração de todas as referências intencionais que pertencem à *situação* na qual o sujeito está;
3. A consideração da *unidade temporal da vida*, a cujo desenvolvimento interno a situação se retro-refere;
4. De tal modo que cada vivência singular é agora *explicada* na sua *ocorrência* como portadora de um sentido que tem uma *densidade histórica*;
5. Seguir a pista desta história é o que significa questionar *geneticamente*.

Onde conduz esta questionação regressiva? A chave para a multifacetada unidade da inquirição genética de Husserl, não obstante a sua dispersão aparente por temas díspares, depende de uma resposta clara e cabal a esta pergunta. Primeiramente, ela conduz do acto intencional até suas dimensões receptivas e, em última instância, passivas e pré-objectuais. Esta inquirição descendente dá origem ao projecto de uma “estética transcendental”. O jogo entre actos e suas fundações na experiência pré-predicativa abre a pesquisa fenomenológica sobre as sínteses activas e passivas. Em segundo lugar, ela conduz aos horizontes de vida progressivamente menos clara e finalmente completamente obscura, horizontes que envolvem os actos da



forma-*cogito*. Estes horizontes estão contidos na situação presente do sujeito e apontam quer para a sua vida passada, seja ela produtiva sob a forma obscura da habitualidade e da sedimentação, seja ela expressamente convocada numa recordação clara, ou sejam as instituições de sentido originárias algo completamente perdido num passado para sempre esquecido. Isto prepara o caminho para uma teoria fenomenológica da vida “inconsciente”. Em terceiro lugar, dando um passo em frente, ela conduz às questões últimas do nascimento e da morte, a que Husserl chama “problemas generativos” (ver Hua XV, 171; Hua XLII, *passim*). Por último, mas não menos importante, essa questionação regressiva conduz até os horizontes transcendentais da intersubjectividade, da comunidade, e à história da mónada na sua vida com as outras.²⁰ Subitamente, mas não incompreensivelmente, a investigação da *história do sentido* dentro da vida monádica conduz também a instituições originárias que transcendem a própria vida monádica e que só são explicáveis nos horizontes mais vastos da comunidade (*Gemeinschaft*) e da historicidade (*Geschichtlichkeit*), com os seus modos de instituição, transmissão e reinstituição de sentido (*Urstiftung, Nachstiftung*, Hua IX, 212). Como Husserl escreve, “todo e qualquer presente da vida está no seu nexa histórico, o qual está parcialmente aberto, parcialmente ocultado. Ele tem “pressupostos históricos” que poderemos perseguir numa questionação regressiva, num puro voltar-se-para, numa pura direcção reflexiva do olhar para a vida concreta e para aquilo que tem sentido e validade a partir da tradição” (Hua XXIX, 344). Estas últimas instituições originárias de sentido devem ser retomadas por meio de uma anamnese histórica. Esta não tem um significado empírico e factual. Tal como na teoria da génese em geral, a história genética factual e a história genética fenomenológica têm certamente relações complexas, mas não são de todo a mesma coisa. A história do sentido desenvolve-se no domínio das idealidades e é captada por meio de leis eidéticas; deste ponto de vista, os factos empíricos, por si mesmos, são apenas exemplificações de possibilidades eidéticas.²¹ Husserl ofereceu três aplicações esplêndidas deste método nos seus ensaios sobre as origens de sentido da ciência galileana, da geometria e da Europa, enquanto fenómeno espiritual (Hua VI, 20-59, 365-386, 314-348).

Agora, será esta última parte da inquirição histórico-genética, explicitando os horizontes intermonádicos da comunidade e da historicidade, simplesmente um desenvolvimento interno da fenomenologia das *Ideias-I*?

A respeito deste horizonte último da teoria transcendental da comunidade intermonádica e da historicidade, creio que se trata, antes, de uma assimilação complexa – e de uma autotransformação ordenada da própria fenomenologia – do projecto de Dilthey de uma psicologia analítica e descritiva enquanto fundamento das ciências do espírito, tal como ele o apresentou no seu ensaio *Ideen über eine beschreibende und zergliedernde Psychologie*, de 1894. Na verdade, creio que isto foi uma tentativa feita por Husserl para cobrir um domínio que ficou nas margens da fenomenologia transcendental, tanto quanto ela se desenvolveu como uma teoria “cartesiana” de uma subjectividade isolada. O duplo passo em frente consistiu em chegar até a intersubjectividade enquanto sujeito absoluto para a constituição do mundo e, de seguida, pelo tema da historicidade da vida intermonádica, em substituir a insuficiente fundação psicológica de Dilthey por uma abordagem transcendental do mundo histórico.

De facto, Husserl sublinha expressamente que, quando comparada com a psicologia descritiva de Brentano, a maior vantagem da de Dilthey consiste “em ter, desde o início, o olhar estendido para lá do simples sujeito da vida histórica, e em estar dirigida para a vida histórica ela própria, [a qual é], em cada homem, internamente unitária, e, porém, supra-individual”. Isto põe em primeiro plano “o sujeito pessoal na vida comunitária, e esta última na sua história unitária, a qual é, naturalmente, uma história comunitária” (Hua IX 355). Num contraste ulterior, Husserl sublinha que, contrariamente à ocupação de Brentano com as vivências isoladas, Dilthey sempre olhou para “a totalidade da corrente de vivências e, em geral, para o todo concreto do sujeito psíquico puro” (Hua IX, 355). O conceito diltheyniano de *Erlebniszusammenhang*, e não a mera, abstracta *vivência*, tem simultaneamente uma dimensão individual, comunitária e histórica, de modo que a auto-recordação da mónada, a sua anamnese, é como uma janela aberta para dimensões que a transcendem, se bem que sejam constituintes da sua própria individualidade. Assim, para Husserl, a atenção prestada à “esfera interior-exterior” (*Innen-Aussen Sphäre*, Hua IX, 361), ao cruzamento entre subjectividade e intersubjectividade, comunitária e histórica, marca a superioridade da psicologia descritiva de Dilthey sobre a de Brentano.

No entanto, a fundamentação psicológica, por parte de Dilthey, do mundo histórico era apenas uma primeira tentativa. Ele permaneceu ao nível da oposição não-resolvida entre uma psicologia explicativa e uma psicologia descritiva, oposição tributária de um dualismo naturalista. Para Dilthey, os métodos explicativos são apenas “possíveis na psicofísica”, ao passo que a psicologia descritiva, baseada na percepção interna, não atinge nada mais do que a compreensão de tipos individuais no contexto dos seus horizontes comunitários e históricos. Assim, “de acordo com Dilthey, uma psicologia descritivo-analítica não é diferente, não deve e não pode ser mais do que uma história natural descritiva da vida psíquica humana, do ser humano típico desenvolvido” (Hua IX, 16). Para Husserl, porém, o ponto está em, por meio de uma abordagem eidética das leis internas da vida

²⁰ Não concordo com a tese de Seinbock, segundo a qual essas questões não são concebíveis como genéticas, porque as questões genéticas, diz ele, restringem-se, por si só, à vida monádica individual e a uma intersubjectividade sincrónica. Assim, ele isola-as sob o título de «fenomenologia generativa». Por exemplo: «Em contraste com uma análise genética que se restringe ao devir da subjectividade individual como fundamentada numa egologia, a fenomenologia generativa trata de fenómenos históricos, geológicos, culturais, intersubjetivos e normativos desde o início» (Steinbock 1995, 178).

²¹ Para uma discussão detalhada desta “viragem histórica” na fenomenologia genética, veja-se Frerenz-Flatz 2016.



histórica fluente, chegar a *necessidades essenciais* que superem o nível das generalidades empíricas e das induções. Isto fora a “lacuna radical” de Dilthey (Hua IX, 13). E isto é, para Husserl, o ponto onde a psicologia de Dilthey deverá ser absorvida e transformada por uma fenomenologia transcendental que se transformou ela própria para receber o seu legado teórico. No nível transcendental de uma abordagem fenomenológica genética da vida intermonádica histórica, a compreensão reconstrutiva da vida individual sob leis de essência equivale à plena e cabal compreensão do seu ser, e esta compreensão completa é equivalente a uma plena *explicação* de uma tal vida. Portanto, no final, uma consumada fenomenologia transcendental assume a forma de uma teoria explicativa. Nada mais é deixado de fora como um resíduo de opacidade, porque “*compreender* um nexó histórico é a sua única *explicação* significativa” (Hua IX, 10). Num manuscrito onde trata da oposição entre mundo-próprio e mundo-estranho, Husserl vai tão longe quanto a arriscar o termo “*compreensão* histórico-genética” (Hua XV, 214).

Eis como a fenomenologia da génese assume uma dimensão explicativa e não simplesmente descritiva, como era ainda a da fenomenologia incipiente.

6. Em Jeito de Conclusão: A Contribuição de Husserl

Pondo as coisas em conjunto, diria que o projecto inicial de uma fenomenologia transcendental, tal como fora apresentado nas *Ideias-I*, sofreu duas reformulações decisivas. Estas duas mutações foram movimentos estratégicos para absorver questões que a fenomenologia inicial – agora considerada como “estática” – deveria necessariamente deixar de lado para delimitar o seu próprio campo de investigação. Estas mutações não podem ser concebidas como uma simples extensão ordenada do projecto inicial.

Em primeiro lugar, havia a questão a respeito do fluxo fáctico da vida subjectiva. Segundo a divisão de caminhos de Brentano, isso seria uma inquirição sobre a génese, existência e sucessão das vivências. Era o tema de uma abordagem genético-causal, de uma psicofísica, e deveria ser posta de lado numa pura psicologia descritiva. A grande descoberta de Husserl foi que o fluxo tinha leis internas de unificação, de tal modo que uma abordagem fenomenológica dos processos através dos quais ele se constitui como uma unidade será, agora, um novo horizonte da pesquisa fenomenológica. O seu primeiro estrato é o próprio processo de autotemporalização. Ora, este estrato não é simplesmente formal. Ele está intimamente conectado com a constituição de conteúdos primários por meio de processos noéticos básicos como as configurações dos campos sensíveis, os estímulos e as afecções. Partindo fenomenologicamente no próprio nível onde a partição antiga localizava o campo da psicologia genética, o novo esforço teórico para uma restituição transcendental desse domínio assumiu a forma de uma fenomenologia *genética*. Ela desenvolveu-se como uma investigação das sínteses passivas e activas. Este foi o próprio núcleo inicial da fenomenologia genética. Tal implicou uma extensão e uma reorganização do projecto inicial.

Em segundo lugar, desde a sua crítica demolidora ao “historicismo” como variedade de relativismo no artigo de *Logos*, em 1911, a história era, para Husserl, um continente esquecido. No entanto, o projecto de Dilthey de uma psicologia descritiva oposta à psicofísica emergente, a que ele chamou “explicativa”, era a promessa de fundamentação das dimensões sobre-individuais da subjectividade, tais como as várias formas do “espírito objectivo” e, derradeiramente, a própria historicidade da vida. O tratamento de Husserl do tema da intersubjectividade tinha os braços demasiado curtos para abraçar este domínio. O fio-condutor para uma extensão da fenomenologia a este inteiro domínio era o conceito da historicidade do sentido e a sua retro-referência a uma instituição originária. Os processos de instituição, tradição, e reinstituição do sentido apareceram, agora, sob esta nova luz, como a forma básica do “*a priori* da historicidade”, e como a chave para pesquisar as dimensões generativa, comunitária e histórica da vida monádica. Se bem que proposta, esta nova dimensão foi apenas esboçada nos trabalhos de Husserl, em contraste com a pesquisa genética sobre as sínteses passivas e activas no quadro do projecto de uma lógica transcendental. No entanto, se bem que sendo uma tese controversa, acredito que esta derradeira dimensão cai ainda dentro do âmbito e do conceito de uma teoria fenomenológica da génese, ou seja, de uma fenomenologia genética e não exclusivamente generativa.

Referências

- Albertazzi, L. (2013) – *Handbook of Experimental Phenomenology. Visual Perception of Shape, Space and Appearance*. Wiley-Blackwell: New Jersey.
- Bernet, R., Kern, I., Marbach, E. (2016) – *Edmund Husserl. Darstellung seines Denkens*. Felix Meiner Verlag: Hamburg.
- Brentano, F. (1995) – *Psychology from an Empirical Standpoint*. Routledge: London.



- Brentano, F. (2002) – *Descriptive Psychology*. Routledge: London.
- Dilthey, W. (1990) – “Ideen über eine beschreibende und zergliedernde Psychologie“. *Gesammelte Schriften*. Band V – *Die Geistige Welt*. B. G. Teubner: Stuttgart, pp. 139-240.
- Ferencz-Flatz, C. (2016) – „Zur geschichtlichen Wende der genetischen Phänomenologie. Eine Interpretation der Beilage III der Krisis“. *Husserl Studies*. Published online: 23 November 2016.
- Guido, A. (1972) – *Sinn und Inhalt in der genetischen Phänomenologie E. Husserls*. Martinus Nijhoff: Den Haag.
- Husserl, E. (Hua I) – *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. [Cartesian meditations and the Paris lectures.] Edited by S. Strasser. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.
- Husserl, E. (Hua III-1) – *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie 1. Edited by Karl Schuhmann. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1977.
- Husserl, E. (Hua VI) – *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie. Edited by Walter Biemel. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1976.
- Husserl, E. (Hua IX) – *Phänomenologische Psychologie*. Vorlesungen Sommersemester. 1925. Edited by Walter Biemel. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1968.
- Husserl, E. (Hua XI) – *Analysen zur passiven Synthesis*. Aus Vorlesungs- und Forschungsmanuskripten, 1918-1926. Edited by Margot Fleischer. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1966.
- Husserl, E. (Hua XIV) – *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*. Texte aus dem Nachlass. Zweiter Teil. 1921-28. Edited by Iso Kern. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.
- Husserl, E. (Hua XV) – *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*. Texte aus dem Nachlass. Dritter Teil. 1929-35. Edited by Iso Kern. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.
- Husserl, E. (Hua XVII) – *Formale and transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. Edited by Paul Janssen. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1974.
- Husserl, E. (Hua XIX/1) – *Logische Untersuchungen*. Zweiter Teil. Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. In zwei Bänden. Edited by Ursula Panzer. Halle: 1901; rev. ed. 1922. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1984.
- Husserl, E. (Hua XXIX) – *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Ergänzungsband. Texte aus dem Nachlass 1934-1937. Edited by Reinhold N. Smid. The Hague, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1992.
- Husserl, E. (Hua XLII) – *Grenzprobleme der Phänomenologie*. *Analysen des Unbewusstseins und der Instinkte*. *Metaphysik*. *Späte Ethik* (Texte aus dem Nachlass 1908 – 1937). Edited by Rochus Sowa & Thomas Vongehr. New York: Springer, 2014.
- Husserl, E. (Mat V) – *Urteilstheorie*. Vorlesung 1905. Edited by Elisabeth Schuhmann. Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2002.
- Husserl, E. (*Briefwechsel V*) – *Die Neukantianer*. Edited by Karl Schuhmann. The Hague, Netherlands: Kluwer Academic Publishers.
- Kern, I. (1964) – *Husserl und Kant*. Martinus Nijhoff: Den Haag.
- Lee, Nam-In (1993) – *Edmund Husserls Phänomenologie der Instinkte*. Springer: Dordrecht.
- Luft, S. (2016) – “Reconstruction and Reduction: Natorp and Husserl on Method and the Question of Subjectivity”. *Meta: Research in Hermeneutics, Phenomenology, and Practical Philosophy*. Vol. VIII, No. 2 / December 2016, pp. 326-370,
- Natorp, P. (1965) – *Allgemeine Psychologie*. E. J. Bonset: Amsterdam.
- Natorp, P. (1973) – „Husserls ‚Ideen zu einer reinen Phänomenologie‘“. *Husserl*. Wissenschaftliche



Buchgesellschaft: Darmstadt, pp. 37-60.

Welton, Donn (2003) – “The Systematicity of Husserl’s Transcendental Philosophy. From Static to Genetic Phenomenology”. *The New Husserl*. Indiana University Press: Bloomington, pp. 255-279.

Sokolowski, R. (1970) – *The Formation of Husserl’s Concept of Constitution*. Martinus Nijhoff: The Hague.

Staiti, A. (2013) – “The *Ideen* and Neo-Kantianism”. *Husserl’s Ideen*. Springer: Dordrecht, pp. 71-90.

Steinbock, A. (1995) – *Home and Beyond. Generative Phenomenology after Husserl*. Northwestern University Press: Evanston.

Steinbock, A. (1998) – “Husserl’s static and genetic phenomenology: Translator’s introduction to two essays”. *Continental Philosophy Review* 31: 127–134, 1998.

Recebido em 28.02.2025 – Aceito em 14.10.2025